

A PERDA DO FILHO À LUZ DE ARQUÉTIPOS MATERNOS CRISTÃOS E GREGOS

GONÇALVES, Maria Helena¹
PETRILLI, Laslei Aparecida Teles²

RESUMO

O presente trabalho visa discutir conceitos acerca da maternidade e os tipos de mães procedendo, em especial, a uma reflexão sobre mães que passaram pela experiência de perder um filho. Para tanto, foram estudados os arquétipos de Maria, Eva e Lilith e de sete deusas da mitologia grega para descrever os sentimentos femininos na experiência de perder um filho, bem como a influência desses arquétipos no processo de enlutamento materno. Ao longo da pesquisa percebeu-se que a mulher é capaz de vivenciar várias deusas, e que há características distintas pertinentes a cada arquétipo feminino. Inferiu-se que se cada deusa possui traços que a qualificam para vivenciar determinada experiência, a mulher também pode, em dado momento, agregar tais características para

¹ Acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário UnirG.

² Psicóloga pela Universidade São Francisco, pós-graduada pelo Centro Universitário UnirG.

contribuir na resolução de problemas, em especial nos casos de mães que perderam seus filhos e precisam redescobrir-se para processar a melhor maneira de, a partir da perda, continuar a sua caminhada. Nesse cenário, o psicólogo se destaca como o profissional adequado para, junto com essa mãe, corroborar na redescoberta de si mesma, ativando as qualidades das deusas na construção diária de um novo ser humano. O trabalho deu-se através de revisão bibliográfica, tendo como fator motivacional, dentre outros, apresentar à sociedade e ao universo acadêmico o tema luto materno e com isso ensejar possíveis realizações de cunho pragmático e científico sobre ele.

Palavras-chave: Mãe. Arquétipo. Deusas gregas. Morte e luto.

SON LOSS IN THE LIGHT OF CHRISTIAN AND GREEK MOTHERHOOD ARCHETYPES

ABSTRACT

The goal of the current study is to discuss some concepts about motherhood and mothers' types which would lead us to a reflection about mothers who were subjected to the experience of a son loss. In order to carry out this investigation, Eva, Mary and Lilith archetypes and also those of seven goddesses from the Greek mythology were used in order to describe the female experience of having loss a son. The influence of those archetypes in the mother mourning process was also evaluated in this study. During the current investigation, it was clear that the mother is able to introject many goddesses and that there are clear characteristics related with each feminine archetype. It was concluded that if each goddess presents with traits qualified to live or absorb a certain experience, a woman, can in a

given moment, use such characteristics which may contribute to a favorable problems resolution, particularly in those cases of mothers who lost their sons and need to rediscover themselves and use certain mechanisms which may allow them to follow their way after the loss. In this scenario, the psychologist is relatively well equipped and prepared and together with a determined mother, collaborate in the rediscovery of that mother, activating the qualities of the goddesses in such a way that a new human being can emerge. This study was carried using a review of the literature, having as a major motivating factor, to present the mother mourning as a central theme and thus, to learn and use the pragmatic and scientific results of this study in the daily practice.

Keywords: Mother. Archetype. Greek goddesses. Death and Mourning.

INTRODUÇÃO

O estado de gravidez retoma a reflexão parcimoniosa do esperar, resgata a mulher das múltiplas tarefas que desempenha em igualdade com o homem, elevando-a ao ápice da exclusividade. É um momento sublime e único conferido à mulher, que lhe proporciona uma profusão de sensações divididas somente com o pequeno ser e que faz com que a relação entre ambos se configure como quase inexplicável e mágica. Ser mãe é estar *prenhe*, ou seja, cheia de luz, de expectativas de um porvir feliz.

Há vários tipos de mãe – piedosa e acolhedora, agressiva e dominadora, contemplativa e inalcançável – e todas guardam em si a possibilidade da maternidade. Todavia, alguns eventos subsistem além do controle humano, como a morte. A inevitabilidade da morte proporciona alterações comportamentais como tristeza, ansiedade e sentimento de impotência, deixando como único caminho a busca pela compreensão dos mecanismos pelos quais se processa, dentro de cada pessoa, o impacto deste evento.

"O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que

ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante". (FREUD, 1996, p. 275). O autor completa afirmando que "[...] o luto normal é um processo longo e doloroso, que acaba por resolver-se por si só quando o enlutado encontra objetos de substituição para o que foi perdido".

Caracterizando-se como um processo psicossocial necessário para uma melhor absorção tanto do impacto do fato como das consequências, "[...] o trabalho de luto consiste, assim, num desinvestimento de um objeto, ao qual é mais difícil renunciar na medida em que uma parte de si mesmo se vê perdida nele".(MANNONI, 1995, p. 72).

É inegável a quantidade de pessoas que por motivos culturais, sociais ou religiosos desencadeia comportamentos sintomáticos de fundo emocional em decorrência de um luto patológico não tratado. Essa realidade justifica o interesse pelo estudo do tema que teve como objetivo fazer um resgate dos arquétipos gregos de Maria, Eva e Lilith, buscando situações de conflitos e semelhanças que podem provocar universalização do ideário feminino e materno no sentido de que o sofrimento das mães enlutadas pode,

sim, ser classificado em diferentes nuances de intensidade e exteriorização. Com a análise dos arquétipos foi possível visualizar com mais clareza a personificação íntima e pragmática de cada mulher, seu relacionamento com o outro e, conseqüentemente, sua perspectiva de atitude diante do fato concreto em relação à perda do filho.

MÉTODO

Para a elaboração da presente pesquisa desenvolveu-se a revisão bibliográfica “[...] com base em material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44). A partir das palavras-chave morte, luto, deusas gregas e filhos, foram consultadas as bases de dados SciELO, LILACS e Google Acadêmico, tendo sido selecionados artigos publicados em português e inglês entre os anos de 1995 até 2012. Foram utilizados também jornais, revistas, livros e outros meios de divulgação, tendo sido excluídas as resenhas, artigos não indexados e publicações que ficavam distantes do tema ou que não continham referências bibliográficas. Assim, com o objetivo de incluir apenas trabalhos que passaram por procedimentos

rígidos de avaliação, foram escolhidos livros que discorrem sobre o processo de enlutamento e temas correlatos.

O presente trabalho não foi submetido à apreciação do Comitê de Ética e Pesquisa do Centro Universitário UnirG por tratar-se de estudo embasado em literatura publicada e sem envolvimento direto de seres humanos.

A MATERNIDADE

Numa primeira abordagem pode-se dizer que a maternidade é reservada a mulheres dotadas da capacidade biológica para emprenhar, carregar dentro de si e, ato subseqüente, trazer à luz. De outro ângulo, a maternidade pode ser estudada sob o aspecto mental – uma mulher que *guarda* outro ser debruça sobre ele todos os cuidados e desvelos a ponto de elegê-lo como prioridade em detrimento de si própria, numa entrega incondicional e desprovida de qualquer certeza de retribuição, afeto ou reconhecimento.

As descrições de perfis de funcionamento femininos de Bolen (1990) permitem entender as diversas reações maternas, mas antes de entender o que habita as heranças psíquicas femininas faz-se necessário pontuar os conceitos, significados e desdobramentos da palavra mãe. De

acordo com Holanda (1976, p. 436), o vocábulo mãe traz os seguintes significados: “1. Mulher ou fêmea, que deu à luz um ou mais filhos; 2. Mulher generosa, carinhosa; 3. Pessoa muito boa, dedicada, desvelada. 4. Fonte, origem”. O sentido figurado do item 4 remete à terra como mãe (Demeter), como lembra Neuman (2000, p. 26).

A Grande Mãe, enquanto mãe e terra-mulher, é o “trono em si” e caracteristicamente o “útero” (a maternalidade) do Feminino, não é somente sua genitália, mas toda a extensa superfície das coxas da mulher sentada, o colo onde a criança que ali teve origem senta-se como num trono. “Ser levado ao colo” como “ser levado ao seio”, são expressões simbólicas da aceitação da criança e do homem pelo Grande Feminino.

Ao nascer, o ser humano encontra na mãe, ou sua representante, uma oportunidade de continuidade do seu desenvolvimento (WOODMAN, 1999). Assim, o conceito de mãe remete a comportamentos ou formas de proceder diante do outro. Isto posto, é necessário resgatar a construção arquetípica da imagem da mãe moderna observada nas primeiras mulheres da história, Maria, Eva e Lilith.

ARQUÉTIPOS MATERNOS

CRISTÃOS – MARIA, EVA E LILITH

O arquétipo materno vem ao encontro de uma variedade de símbolos, não apenas da mãe real de uma pessoa,

mas de todas as imagens de mãe – a que alimenta, que traz à luz, mãe mitológica, símbolo religioso (como a própria Igreja na figura de mãe) mãe dominadora, ameaçadora ou sufocadora. Encontra-se nesses símbolos de mãe a mesma ambivalência entre a vida e a morte.

Nascer é sair do ventre mãe; morrer é retornar à terra, à mãe. A mãe é a segurança do abrigo, do calor, da ternura e da alimentação; é também, em contrapartida, o risco da opressão pela estreiteza do meio e pelo sufocamento através de um prolongamento excessivo da função de alimentadora e guia: a genitora devorando o futuro genitor, a generosidade transformando-se em captadora e castradora. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1995, p. 580).

Maria e Eva – De acordo com Woodman (1999), Maria, a mãe do Salvador, converte o seu sofrimento em salvação para toda humanidade. A concepção de Maria, sendo ela virgem, se dá por meio do Espírito Santo e, mesmo depois de parir, casa-se com José e continua virgem. Ao analisar esta questão percebe-se que as atribuições de Maria se estenderam no imaginário cristão refletindo a imagem de uma mulher sem defeito, sexualmente casta, perpassando pelo arquétipo da mulher que após tornar-se mãe torna-se também assexuada.

Eva, enquanto primeira mulher, foi associada como ser traidor. Maria, enquanto imagem arquetípica vem associada à conduta passiva, sofredora e

enaltecida. Se para Eva a maternidade veio como um castigo para purgar seu pecado de desobediência, para Maria a maternidade a santificou, trazendo a redenção não só para ela como também para toda a humanidade. Por isso diz-se que com Maria veio a redenção, ou seja, uma reconciliação com o divino.

Campbell (1990) aduz que o arquétipo de Maria pode ser observado como complementar de Eva atinente à maternidade sendo Maria, emblematicamente, o exemplo de mãe. Contudo, mesmo com a valoração sublime de Maria em detrimento ao erro original de Eva, podem-se elencar semelhanças entre ambas, como a percepção de suas existências somente através de Jesus e Adão respectivamente, ou seja, a necessidade de respaldo de uma figura masculina. Essas duas figuras bíblicas vão coincidir ainda sobre outro fator: o sofrimento – com Eva a dor do parto, imposto como castigo; à Maria a dor de acompanhar impotente o sofrimento do filho até o momento final no Calvário.

A partir do exposto, pode-se entender que em nível de construção arquetípica o sofrimento é ingrediente essencial na maternidade, mas nem sempre foi assim.

Lilith – Em livros apócrifos Lilith, a primeira esposa de Adão, não aceitou a condição de submissa, fato descrito até na hora da conjunção carnal em que ela gostava de deitar-se por cima e o marido

não aceitava. (VALE, 2010). Com isso Lilith é intimada a submeter-se ao marido ou sair do paraíso, ela então escolhe a segunda opção. Para Lilith fica o arquétipo da mulher ativa, que valoriza a independência, autoconfiança e coragem, características mais próximas da mulher contemporânea. Lilith não se submeteu às imposições de Adão certamente porque, de acordo com Cavalcanti, “[...] nenhuma deusa jamais se submete ou está sob o comando do masculino porque conhece sua força e seu poder. Lilith não é mais encarada como símbolo de repressão, mas como denúncia, numa busca de integração dos instintos na psique”. (1987, p. 52).

A mitológica personagem Lilith não é explicitamente apresentada nas escrituras judaico-cristãs, porém está presente na tradição popular “[...] principalmente da Torah assírio-babilônica e hebraica, além de outros textos apócrifos”. (SICUTERI, 1998, p. 202). Em alguns textos ela é apontada como o lado sombrio de Eva, em outros é o demônio, bruxa.

ARQUÉTIPOS GREGOS – AS DEUSAS

As deusas Ártemis, Atena, Héstita, Hera, Deméter, Perséfone e Afrodite, são divindades gregas que viveram em uma sociedade patriarcal, no período em que os deuses governavam o céu e a terra.

Ártemis, Atena e Héstia, denominadas deusas virgens, eram felizes por dominar, competir, lutar e vencer – no mundo antigo, uma virgem era simplesmente uma mulher não-casada e virgindade significava autossuficiência, liberdade em relação a sentimentos amorosos ou amarras relacionadas à figura feminina.

Quando as deusas são vistas como padrões de comportamento feminino normal, a mulher que é naturalmente mais parecida com a sábia Atena ou com a competitiva Ártemis [...] é avaliada como sendo ela mesma quando é ativa, objetiva em suas determinações, e orientada para a realização externa. Ela está sendo verdadeira para com a forma, como a deusa determinada com a qual ela mais se assemelha. (BOLEN, 1990, p. 73).

A deusa Ártemis mãe – A mulher que contém em si a deusa Ártemis não vê a maternidade como uma realização, mas, antes, como uma corrente nos pés impedindo-a de realizar projetos almejados e planejados. Entretanto, a mulher Ártemis gosta de crianças e o sentimento é recíproco. A sua postura diante dos filhos como mãe motivadora de talentos, independência e criatividade, faz nascer nos filhos uma imagem positiva de mãe protetora até o último grau. De acordo com Bolen (1990), “As mulheres tipo Ártemis sentem-se à vontade não gerando filhos, pondo seu tipo pessoal de energia geradora – que pode ser

semelhante ao de uma tia jovem – à disposição dos filhos de outras pessoas”.

A deusa Atena mãe – Como mãe, a mulher que manifesta o arquétipo da deusa Atena espera que seus filhos cheguem à idade em que ela chegou ao mundo, adulta, para que juntos possam compartilhar. Ela não vê nos filhos um impedimento, pois não os deixa absorvê-la a ponto de se anular em razão deles. Então ela os orienta desde cedo para que sejam fortes, não só de corpo, mas de mente e espírito. BOLEN (1990).

Racional, premeditadamente cautelosa, estrategicamente inteligente, a mulher Atena não se deixa levar por sofrimento, mas essa profusão de racionalidade pode levá-la a deixar de viver experiências emocionalmente importantes como o fato de não reconhecer sua progenitora como parte integrante de sua vida, formação moral e espiritual. Bolen (1990) lembra que, na mitologia, a deusa Atena era filha sem mãe e sentia orgulho por ter Zeus como pai. “A mulher tipo Atena frequentemente deprecia sua mãe”. (BOLEN, 1990, p. 90).

A deusa Héstia mãe – Se a mulher Héstia pode ser uma boa esposa, cuidar da casa com desvelo, transformando-a num verdadeiro lar sempre limpo e acolhedor, ela conseqüentemente será uma boa mãe. Se levado em conta o fator descompromisso com questões de ambição profissional ou autoafirmação diante de uma guerra dos

sexos, ela proporciona aos filhos a liberdade necessária para que, sozinhos, possam fazer suas próprias escolhas. Corroborando esta assertiva Bolen (1990, p. 181) assevera:

A mulher tipo Héstia pode ser excelente mãe, especialmente se tiver Deméter em sua psique. [...] usualmente cuida das crianças com amor e atenção. Não tem grandes ambições para seus filhos e, portanto permite-lhes que sejam eles próprios. Cuida bem deles, como coisa habitual, e proporciona um caloroso e seguro ambiente familiar. Os filhos de Héstia não têm que se desprender ou se rebelar. [...] Quanto a ajudar seus filhos a enfrentarem nuanças sociais ou situações competitivas, ela não é de grande ajuda. O mesmo é verdadeiro quanto ao estimular ambições ou carreira.

A mulher Héstia sente-se bem em seu lar que por ela foi transformado num lugar de aconchego e paz, propício a encontros, alimentação farta e saudável, relegando a si mesma o lugar de segundo plano. Isto não a deixa inferiorizada, pelo contrário é de sua escolha. Ela é essencial, funcionando como sistema central no lar, mas pode tanto ser reconhecida como não, perpetrando um estar anônimo.

Denominadas vulneráveis, as outras três deusas, Hera, Deméter e Perséfone – que foram estupradas, raptadas ou humilhadas, mas em contrapartida bastante veneradas e de certa maneira felizes (CAMPBELL, 1996)

– representam a personificação do padrão de ambições tipicamente femininas, de esposa, mãe e filha. Elas trazem em seu bojo sentimentos como ciúme, raiva e depressão. As mulheres intrinsecamente próximas dessas deusas são focadas naquilo que de forma consciente se propuseram a fazer como, por exemplo, dedicar-se ao lar, ter filhos ou ainda preservar um estado de dependência com relação à figura paterna, do marido, irmão ou mesmo uma amiga de personalidade mais forte. Com isso tendem a cumprir o papel de vítima.

Toda mulher que já sentiu ímpeto de se casar, ou teve um filho, ou sentiu que estava esperando que alguma coisa acontecesse para mudar a vida – o que inclui exatamente todas as mulheres – descobrir-se-á aparentada com uma das deusas vulneráveis em algum ponto de sua vida. (BOLEN, 1990, p. 198).

A deusa Hera mãe –

Considerando que a mulher tipo Hera é completamente absorta na tarefa de satisfazer seu marido e todos os encargos inerentes a essa realização, os filhos estão embutidos no pacote do matrimônio. “A mulher Hera usualmente tem filhos porque essa função é parte de seu papel como esposa, mas não terá muito instinto materno nem apreciará fazer as coisas com as crianças, a menos que Ártemis e Atenas também estejam presentes”. (BOLEN, 1990, p. 221).

Em um confronto entre pai e filhos, a mulher Hera sempre ficará do lado do marido e repreenderá severamente os filhos. Ela é indubitavelmente opositora ao conceito de família, de discussões abertas. Para ela o marido é o chefe do lar, dele provém o alimento físico e também espiritual, portanto ele é lei inquestionável.

De acordo com Woolger (1987) Hera exala confiança em si mesma, tem perfeito domínio de si própria e, quase sempre, dos demais, morrendo e renascendo diante das adversidades.

A deusa Deméter mãe – De acordo com MCLean (1998) Deméter ligava-se em especial com os grãos, como a deusa do milho e foi, antes de tudo, a Mãe Terra que se manifesta no crescimento da vegetação, no ciclo das estações – essa imagem de Terra Mater que dá nascimento a todos os seres – é encontrada em todas as partes do mundo, sob inúmeras formas. (ELIADE, 1992). De acordo com Bolen,

Deméter é o arquétipo materno. Representa o instinto maternal desempenhado na gravidez ou através da nutrição física, psicológica ou espiritual dos outros. [...] A mulher com um forte arquétipo de Deméter deseja ardentemente ser mãe. Uma vez que se torna mãe, acha esse um papel realizador. [...] Quando Deméter é o arquétipo mais forte na psique de uma mulher, ser mãe é o mais importante e funcional de sua vida. (BOLEN, 1990, p. 241).

Para MCLean (1998) a mulher que possui a deusa Deméter como arquétipo mais forte, biologicamente possui um instinto maternal muitas vezes mais aguçado. A força propulsora da deusa é toda no sentido da maternidade, contudo é importante pontuar que este instinto pode também abranger-se para a adoção, ama de leite ou qualquer outro concernente ao cuidado de outrem. Para Woolger (1987, p. 236-237),

É difícil confundir Deméter. Ela é aquela rodeada de crianças; aquela à qual bebês parecem se agarrar como a uma árvore robusta; aquela que sabe onde estão as fraldas; aquela feliz em cozinhar para os seis amigos que o marido trouxe sem avisar; aquela que passa a noite inteira acordada cuidando da febre de um filho; aquela com reservas aparentemente inesgotáveis de energia.

Quando os filhos crescem e tornam-se independentes ela se sente abandonada podendo dar espaço para a “síndrome do ninho vazio” – esse sentimento ocorre devido à completa entrega da mulher ao papel de mãe, e quando os filhos saem de casa, ela perde o centro de sua vida. (BOLEN 1990).

Com a intenção de proteger o filho, a mulher tipo Demeter pode se tornar super dominadora. Ela hesita sobre qualquer movimento, intercede pelo interesse da criança e assume o controle quando há qualquer possibilidade de dano. Conseqüentemente, a criança

permanece dependente dela para lidar com problemas e com pessoas. (BOLEN, 1990, p. 260).

Para a autora, o laço que prende a mãe Deméter ao filho é muito mais forte que qualquer outro arquétipo de deusa – eles podem ser chamados de *filhinhos da mamãe*, e o simples fato de não poder dar ao filho algo que ele deseja, a deixará deprimida e culpada.

A deusa Perséfone mãe – Perséfone é a imagem de uma deusa jovem de beleza inebriante, seduzida por seu tio Hades, rei do Inferno. Para Noura e Castro (2008), Perséfone representa a filha que existe em toda mulher e a receptividade de aceitar o que vem dos outros e dar a eles o que necessitam.

Ao contrário de Hera e Deméter, que representam padrões arquetípicos ligados a fortes sentimentos instintivos. Perséfone como padrão de personalidade não parece tão sobrepujante. Se Perséfone proporciona a estrutura da personalidade, ela predispõe a mulher não a agir, mas a ser conduzida pelos outros, a ser complacente na ação e passiva na atitude. Perséfone, a jovem, também permite à mulher parecer eternamente jovem. (BOLEN 1990, p. 277).

Embora possa perfeitamente ter, cuidar e amar seu filho, a mulher Perséfone não percebe a maternidade como uma realização plena e não se sente autêntica como mãe, podendo “[...] permanecer uma filha que pensa em sua

própria mãe como a ‘mãe verdadeira’, e em si mesma como simplesmente representando um papel”. (BOLEN 1990, p. 295).

Ela pode ser amiga e divertida com seus filhos, sentando e brincando junto deles, dando-lhes liberdade para escolher seu próprio caminho, ou sentindo orgulho quando eles realizam ou lutam por seus objetivos.

A deusa Afrodite mãe – Deusa do amor e da beleza, Afrodite utilizava seu poder de persuasão tanto em mortais quanto em deuses, que sempre sucumbiam a seus encantos. Apenas Ártemis, Atena e Héstita conseguiram escapar de seus atributos permanecendo, por opção, virgens.

Afrodite valorizava as experiências vividas na questão volitiva da satisfação da própria vontade em detrimento dos costumes e leis. Sua ligação com as deusas vulneráveis provém do fato de ter tido muitos filhos e de seu forte envolvimento com o universo masculino. Afrodite possui muitos atributos, mas é mais conhecida por seus muitos relacionamentos sexuais (MARANO, 2001).

A mulher Afrodite poderá ser uma boa mãe, aquela cujas filhas inspiram-se devido a sua beleza, carisma e desenvoltura e, os filhos, por sua personalidade não castradora e mais liberal. Sempre em busca de novas emoções, essa mulher pode, em

determinados períodos, deixar de lado a relação com os filhos, causando assim transtornos e decepções e levando-os a sentirem-se desprestigiados e ignorados. Esses sentimentos, porém, serão logo atenuados pela enxurrada de carinho e atenção dispensada a eles quando ela estiver de volta. (BOLEN 1990).

FILHO – UM MAR DE POSSIBILIDADES

Filho é a denominação dada a um *vir a ser*, e por mais que pais afirmem categoricamente que só desejam que seus filhos nasçam com saúde e sejam felizes, o mais comum é que mesmo antes da concepção já se reserve para eles um mar de possibilidades. (LIMA, 2006).

O filho é simbolicamente um recipiente vazio de si, e cheio de expectativas de outros. À medida que o tempo passa, ele se vê diante de três caminhos: ir enchendo-se de si e concomitantemente esvaziando-se das promessas nele depositadas; absorver as expectativas fazendo delas suas, buscando realizá-las; ou ainda pode tentar a conciliação, o caminho do meio, realizando seus próprios sonhos e também dos outros que depositaram nele suas expectativas. A palavra filho pressupõe intimidade, carinho e afeto. Infere ligação de alguém para com outrem quando geneticamente não pertence, mas ao pronunciar em conotação de vocativo, desarma. (LIMA, 2006).

O filho não é um pedaço, porque pedaço já é outro ser. O filho parece ser na concepção de muitos um todo de uma matriz, com algo a mais. Por isso tem que ser perfeito dentro desse universo complexo chamado pais. Os filhos vão sendo, desde o nascimento, lapidados, suas arestas aparadas, pequenos flertes incutidos, os olhos dos filhos enxergam através dos princípios dos pais – assim gostariam eles. (LIMA, 2006).

PERDA DO FILHO – MORTE

Com o passar do tempo, a morte tornou-se uma ciência, denominada Tanatologia, palavra de origem grega com o seguinte significado: Tanathos – Deus da morte; Logia – Estudo, ciência. (KÜBLER-ROSS, 1997). “A vida e a morte andam, quer queiramos quer não, de mãos dadas e marcam ambas presença no nosso cotidiano, em que a perenidade da vida recorda-nos a inevitabilidade da morte”. (VICENT, 1991 p. 343).

Apresenta-se como de difícil solução o ato de descrever o sofrimento proveniente da perda de alguém que se ama. Sanders (1999, pág. 3) aduz:

A dor de uma perda é tão impossivelmente dolorosa, tão semelhante ao pânico, que têm que ser inventadas maneiras para se defender contra a investida emocional do sofrimento. Existe um medo de que se uma pessoa alguma vez se entregar totalmente à dor, ela será devastada - como que por um maremoto enorme - para nunca mais

emergir para estados emocionais comuns outra vez.

Ao longo do tempo a morte foi sendo mensurada e valorada de maneira diferente. Essa evolução difere no tocante às sociedades, culturas, costumes e crenças. Em algumas civilizações antigas, como na Mesopotâmia, os mortos eram enterrados de forma bastante cuidadosa, inclusive com todos os seus pertences prediletos e os objetos distintivos de cada família. O túmulo do morto também era cuidadosamente escolhido perto das cidades. Todas as medidas eram tomadas para que a travessia para o mundo dos mortos fosse tranquila e imperturbável.

Na cultura Hindu o corpo do morto é incinerado e, ao contrário da Mesopotâmia, nenhum traço distintivo é preservado. Para os hindus, o fogo tem o caráter de apagar completamente toda a personalidade, identidade ou marca de inserção deste na sociedade, com o fogo queimam-se também os pecados, deixando livre a essência do morto. (OLIVEIRA, 1991).

A sociedade grega também incinerava seus mortos, mas com uma simbologia diferente dos Hindus: as cinzas eram guardadas em memória do morto. Ao contrário dos hindus, os gregos não desejavam apagar a existência do falecido e, sim, eternizar seus feitos. (CAMPBELL, 2000).

À medida que a compreensão acerca do fenômeno morte tornava-se

menos obscura, valores foram sendo incorporados ou extirpados nas diferentes culturas (OLIVEIRA, 1991), mas as manifestações da intensidade da dor no enfrentamento da perda permaneceram inalteradas.

Diante da morte, ninguém passa imune. Principalmente quando esse fato envolve a perda de um filho. É uma dor que pode ser classificada como ensurdecidora porque quem a sente não consegue, durante um bom tempo, ouvir nada além dos próprios sentimentos³.

Um adágio popular diz que a *morte é a única certeza da vida*, fato relacionado à constatação da finitude da vida. No Ocidente, teme-se a morte como uma ideia que vem acompanhada de angústia, pesar e medo – tais sentimentos inviabilizam o enfrentamento, com naturalidade, do processo contínuo da condição humana.

A sociedade ocidental não sabe o que fazer com os mortos. Um intenso ou íntimo terror preside as relações que ela intervém com esses 'estranhos' - corpos que bruscamente deixaram de produzir, deixaram de consumir - máscaras que não respondem a nenhum apelo e resistem a todas as seduções. (TORRES, 1983, p. 104).

³ Costuma-se, no período de luto, lançar mão da fé murmurando orações como a chamada *Oração da Serenidade*: "Concedei-nos, Senhor, a serenidade necessária para aceitar as coisas que não podemos modificar, coragem para modificar aquelas que podemos e sabedoria para distinguir umas das outras". (NIEBUHR 1943, Disponível em: <http://www.oracao.info/oracao-da-serenidade.php>).

Para Freud (1914) a morte de uma pessoa próxima revolta, pois este ser leva consigo uma parte do nosso próprio eu. Para o autor, a morte também pode vir a agradar, pois, para ele, em cada pessoa amada existe algo de estranho, dando origem, segundo o psicanalista, a uma ambivalência, descrita como sentimento de amor e de ódio simultaneamente, ambos contidos nos relacionamentos humanos. Nestes, por alguma razão, sempre irá surgir o desejo de ferir ou da morte do outro. Assim quando num dado momento isso ocorre surge a culpa, um pesar insuportável e para minorá-la nasce inconscientemente um intenso e longo processo de luto.

A psicanálise aduz que o sentimento de dor diante de uma perda traduz-se narcisicamente como a morte de uma parte de si mesmo. Segundo Parkes, (1998 p. 13), como “[...] área de pesquisa e intervenção, o luto é ainda pouco desenvolvido no Brasil, o que não ocorre em outros países do mundo, principalmente do Hemisfério Norte e naqueles de língua inglesa”.

Entende-se que assim como a morte faz parte da vida, o luto faz parte da vida dos que ficam. Nesse sentido, Freitas (2000 p. 35) infere que “[...] a perda de uma pessoa amada é uma das experiências intensamente mais dolorosas que um ser humano pode sofrer” e mensurar esse processo vivenciado por uma mãe enlutada configura-se em algo

ainda mais distante do palpável, considerando que o enlutamento materno assemelha-se a estar preso dentro de si por uma dor que enfraquece, que aturde, e que não é diferente se resultar de uma notícia abrupta, não desejada, não esperada, como as mortes por acidentes.

Como na atualidade o que se percebe é que o enlutado passa sozinho por seu calvário de sofrimento, Mannoni (1995, p. 67) adverte que "Hoje não se trata mais tanto de honrar os mortos, mas de proteger o vivo que se confronta com a morte dos seus". Freud (1916) pondera sobre a normalidade do luto, afirmando ser um processo longo e doloroso que tende a resolver-se por si mesmo, principalmente quando a pessoa enlutada descobre coisas que possam de alguma forma substituir o que foi perdido.

De acordo com Parkes (1998, p. 23-24), o sentimento de uma pessoa enlutada devido à perda de um ente querido

Parte da dificuldade de colocar o luto entre as categorias de doenças descritas deriva do fato de ele ser um processo e não um estado. Não é um conjunto de sintomas que tem início depois de uma perda e, depois, gradualmente se desvanece. Envolve uma sucessão de quadros clínicos que se mesclam e se substituem... o entorpecimento, que é a primeira fase, dá lugar à saudade, e esta dá lugar à desorganização e ao desespero, e é só depois da fase de desorganização que se dá a recuperação. Assim sendo, em qualquer uma das fases a

peessoa pode apresentar um dos quatro diferentes aspectos.

Há que considerar que cada uma das fases descritas pelo autor apresenta características próprias, bem como estas fases não se apresentam de forma linear, ou seja, a pessoa pode ir para uma fase ou outra e, posteriormente, voltar à fase inicial. Da mesma maneira, fazer o caminho inverso. O que para o autor é comum, são os traços característicos presentes em todos os casos, o que reforça o luto como sendo um processo psicológico distinto, sendo que "[...] o traço mais característico do luto não é a depressão profunda, mas episódios agudos de dor, com muita ansiedade e dor psíquica". (PARKES, 1998, p. 26).

Ao deparar-se com a morte, o consciente do enlutado sabe que perdeu algo, porém ainda não consegue captar o que foi perdido. Ao observar este contexto, Freud (1916) verificou que pessoas que vivenciaram a mesma situação, ao invés do luto entraram em estado de melancolia, o que levou o psicanalista a produzir a hipótese de que essas pessoas já tinham uma pré-disposição patológica.

Com o intuito de justificar sua premissa, ele realizou comparações entre a melancolia e o luto, buscando visualizar os fatores de ocorrência psíquica com indivíduos expostos nos referidos casos. No caso do luto existe uma perda real; já na melancolia, o indivíduo sabe quem

perdeu, mas não consegue mensurar o que perdeu nesse alguém. "A melancolia está de alguma forma relacionada a uma perda objetal retirada da consciência, em contraposição ao luto, no qual nada existe de inconsciente a respeito da perda". (FREUD, 1916, p. 44).

Para o autor, a pessoa melancólica vive a perda não como no luto, que nesse caso sofre pela perda do objeto. "No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio ego. O paciente representa seu ego para nós como se fosse desprovido de valor, incapaz de qualquer realização e moralmente desprezível [...]" (FREUD, 1916, p. 44). O autor continua explicando que o que fecha o quadro clínico do melancólico é perceber que "[...] as auto-recriminações são recriminações feitas a um objeto amado, que foram deslocadas desse objeto para o ego do próprio paciente." Em relação ao tema Mannoni (1995, p. 77) infere: "Em alguma parte existe, aí, uma identificação com o objeto perdido, a ponto de tornar a si mesmo, enquanto objeto (de desejo), um objeto abandonado".

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através dos arquétipos femininos, em especial das deusas gregas, encontram-se diferentes características que podem ser observadas no processo de enfrentamento do enlutamento. A exemplo a deusa Ártemis, conhecida por

sua força e obstinação, como o arquétipo de uma mulher poderá influenciar seu lado guerreiro e, assim, diante do inevitável sofrimento pela dor da perda do filho, a mãe poderá enredar por dois caminhos: deixar o trabalho e a busca por novos desafios e inundar sua vida como forma de anestesiá-la, ou incorporar o lado cruel e vingador de Ártemis e tornar-se uma pessoa inflexível com tendência à amargura, ou seja, “[...] a raiva destruidora da mulher tipo Ártemis [...] deve confrontar diretamente sua própria destrutividade”. (BOLEN, 1990, p. 65).

No mesmo sentido segue a deusa Atena, contudo Atena é mais racional e estrategista e, por isso mesmo, mais comedida. Ela assemelha-se a Ártemis na ausência de amarras emocionais na qualidade de deusa virgem “uma-em-si-mesma”. Como ela não é esmagada pela emoção ou pelos sentimentos irracionais (BOLEN, 1990), ao deparar-se com a morte do filho a mulher cujo arquétipo da deusa Atena prevaleça, irá traçar mecanismos de proteção principalmente para manter a sua saúde mental. Ela poderá até desesperar-se, mas será uma fase passageira porque buscará centrar esforços para enfrentar a situação da forma mais racional possível.

De acordo com Bolen (1990) a mulher Héstia guarda em si um lugar de retiro e paz, porém socialmente tem dificuldade para externar seus sentimentos. Num processo de

enlutamento é provável que a mãe Héstia sofra imensamente por dentro, mas tentará demonstrar conformismo e resignação. Ela pode, até, orientar outras mães que perderam seus filhos a superar a dor.

Ao perder um filho a mãe Hera buscará refúgio nos braços do marido; se ele responder à altura logo ela será absorvida pelos problemas domésticos e lamentará eventualmente o sinistro. Se o marido abater-se com a morte do filho, a mãe Hera se desdobrará no intuito de fazê-lo recobrar o ânimo de viver. Esse tipo de mãe possui personalidade forte e não gosta que sua dor irradie-se para outras pessoas, em especial seu marido, assim diante do sofrimento ela o poupará ao máximo, dissimuladamente ficando alegre quando ele retornar do trabalho, chorando escondida para não preocupá-lo ou ainda propondo uma viagem, com a intenção de sair do ambiente de tristeza.

A mãe Deméter é toda aconchego e proteção, os filhos sua razão primordial de viver. Uma vez privada deste laço em decorrência de morte, a mãe Deméter sente na carne a dor da separação, morrendo junto (metaforicamente). A perda de um filho é mais que a perda de um pedaço dela, é a perda de si mesma. O mundo perde seu brilho, no mais das vezes seu casamento perde a razão de ser, no trabalho pode tornar-se improdutivo, desencadeando um processo depressivo denominado, “depressão do

ninho vazio”. Essa mãe pode adoecer também fisicamente em consequência da dor que sente.

Perséfone é retratada como a deusa jovem e como tal não chegou a amadurecer seu instinto materno. Assim, no enfrentamento da perda de um filho a mãe Perséfone poderá tanto enveredar pelos caminhos contemplativos e pueris da deusa menina e, com isso, passar pelo sofrimento da morte com mais tranquilidade superando-o, talvez, com uma nova gravidez, uma adoção ou exercer uma atividade na qual possa extravasar seu amor materno. Como rainha do mundo dos mortos, a complacência e a parcimônia a ajudarão a compreender as etapas pelas quais deverá passar para superar a dor da perda. Assim a mãe Perséfone terá a alma jovem e pronta para encarar este desafio.

A mãe Afrodite que vê no filho uma realização em si, conta com duas possibilidades para enfrentar a perda deste: a primeira é o possível sentimento de culpa ou remorso por tê-lo deixado muitas vezes a fim de realizar seus próprios projetos e, a segunda, seria elaborar um novo projeto ou colocar em prática um que fosse desejo antigo como forma de desvio do sofrimento, porque a deusa acha excitante novos desafios e entrega-se a eles de corpo e alma. A deusa Afrodite é em si uma fonte inesgotável de renascimento e furor, e a

mãe Afrodite poderá usufruir este artifício em um momento doloroso como a perda do filho amado.

Em relação a Eva e Lilith, a história conta que elas viveram de maneira diferente a perda do filho. Enquanto Eva aceitou a perda e superou-a dando à luz a outros, Lilith tornou-se vingativa e matava os filhos de outras mulheres. (MCLEAN 2000). Este não foi o destino de Maria, mãe de Jesus, que arquetipicamente assemelha-se à deusa Deméter pelo amor incondicional que sente por seus filhos.

Maria aceitou humildemente acompanhar o sofrimento do filho e ficar ao seu lado até o último minuto. A mulher cujo arquétipo de mãe é o mesmo de Maria, respeita a vontade do filho, mesmo que esta não seja sua vontade. Mostra seu sofrimento em silêncio e sobre o filho morto terá sempre uma lembrança feliz e a certeza do dever cumprido. Não há sentimentos de revolta ou vingança no coração dessa mãe. Ela não conta o tempo que ainda poderia ter com o filho e, sim, o tempo que esteve ao seu lado. Ela não conta o que deixou de viver, mas lembra-se das brincadeiras de criança, dos arroubos da juventude e dos muitos momentos em família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que a maternidade, mais que um processo de ebulição química, é um fenômeno que tende ao entrelaçamento de sentimentos, resta

como última explicação a ideia de mãe que se consome para renascer todos os dias em movimento cíclico. Assim sendo, parece difícil explicar em etapas o processo de enlutamento pelo qual uma mãe passa ao perder um filho, uma vez que este não é estático ou igual, pois depende de variáveis como idade, personalidade e cultura, dentre tantos outros.

Nesse entendimento, o presente trabalho buscou nos arquétipos de Maria, Eva, Lilith, e das sete deusas gregas, traços marcantes de identificação da personalidade e conduta femininas, mostrando que por meio do autoconhecimento o psicólogo pode contar com uma ferramenta de apoio para contribuir no atendimento da mãe que passa pelo processo de enlutamento.

Por exemplo, a mãe que mais sofreu entre as deusas gregas foi Deméter, com o rapto de sua filha que a deixou deprimida e desorientada. De forma análoga ao sofrimento pela morte de um filho, se ativadas as características das deusas Ártemis (estratégia e força) e de Héstia (reflexão e equilíbrio), essa mãe teria a possibilidade de passar pelo luto

com menos desespero, canalizando suas energias para encontrar novas possibilidades para dedicar seu amor. E, o mais importante, preservando sua integridade emocional.

Ao longo da pesquisa percebeu-se que a mulher pode num mesmo dia vivenciar várias deusas de acordo com seu estado de espírito e com os acontecimentos desencadeados e, também, que há características distintas pertinentes a cada arquétipo feminino. Assim, pode-se inferir que se cada deusa possui traços distintivos que a qualificam para vivenciar determinadas experiências, a mulher em dado momento pode agregar tais características também para contribuir na resolução de problemas, dos mais simples aos mais complexos. Em especial em casos de mães que perderam seus filhos e precisam redescobrir-se para processar, cada qual a seu modo, a melhor maneira de, a partir da perda, continuar a sua caminhada. Nessa seara, o psicólogo é o profissional adequado para junto com essa mãe colaborar na descoberta de si mesma, bem como ativar as qualidades predominantes das deusas na construção diária de um novo ser humano.

REFERÊNCIAS

BOLEN, Jean Shinoda. *As deusas e a mulher: nova psicologia das mulheres*. São Paulo: Paulus, 1990.

CAMPBELL, Joseph. *O Poder Do Mito*. São Paulo: Palas Athema, 1990.

_____. *Para viver os mortos*. São Paulo: Cultrix, 2000.

CAVALCANTI, Raïssa. *O Casamento do Sol com a Lua: uma visão simbólica do masculino e do feminino*. São Paulo; Cultrix, 1987.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Lain. *Dicionário de símbolos*. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

ELIADE, Mircea. *Mefistófoles e o andrógino: comportamentos religiosos e valores espirituais não-europeus*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Mito e realidade*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

FREITAS, N. K. *Luto materno e psicoterapia breve*. São Paulo: Summus, 2000.

FREUD, Sigmund. *A história do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Antonio Maspoli de Araújo; ALMEIDA, Vanessa Ponstinnicoff de. O Mito de Lilith e a Integração do Feminino na Sociedade Contemporânea. In: *Âncora – Revista digital de estudos em religião*, ano II, v. II, jun. 2007.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Nova Fronteira, 1976.

LIMA, Eliane Ferreira de Cerqueira. *O encontro com o arquétipo materno: imaginário e simbologia em Lya Luft*. Rio de Janeiro. 2006. Tese de Doutorado em Literatura Brasileira. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. *Sobre a morte e o morrer*. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MANNONI, Maud. *O nomeável e o inominável*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

MARANO, C.A. *A evolução e a busca do feminino na consciência humana – uma abordagem junguiana interligada a reichiana*. Monografia de conclusão do curso Análise Bioenergética: Psicologia Clínica Ligare. Centro de Desenvolvimento da Pessoa Humana, 2001.

NEUMANN, Erich. *O Medo do Feminino: e outros ensaios sobre a psicologia feminina*. São Paulo: Paulus, 2000.

_____. *História da Origem da Consciência*. São Paulo: Cultrix.

MCLEAN, Adam. *A deusa tríplice: em busca do feminino arquetípico*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MINUCHIN, Salvador. *Família, Funcionamento e Tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

NOURA CASTRO, Felipa. *Arquétipo feminino e masculino e a prisão do feminino: a mulher, o homem e os relacionamentos afetivo-conjugais*. Florianópolis, SC, 2008.

OLIVEIRA, A. *O desafio da morte*. Lisboa: Editorial Notícias, 1999.

LOPES, Maria Helena Trindade. *O Livro dos Mortos do Antigo Egito*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1991.

PARKES, C. M. *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo: Summus, 1998.

SANDERS, Charles Peirce. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

SICUTERI, Roberto. *Lilith: A Lua Negra*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

WOODMAN, Marion. *A virgem grávida: um processo de transformação psicológica*. São Paulo: Paulus, 1999.

WOOLGER, J.B.; WOOLGER, R.J. *A Deusa Interior: um guia sobre os eternos mitos femininos que moldam nossas vidas*. São Paulo: Cultrix, 1995.

TORRES, W.C. *A psicologia da morte*. São Paulo: Editora da USP, 1983.

VALE, Fernanda Cristina. *Lilith: mulher, serpente, demônio, mito – uma análise de arquétipo feminino nas lendas judaicas e no cristianismo*. Artigo apresentado na Universidade Federal do Maranhão. 2010. Disponível em: <<http://www.templodoconhecimento.com/portal/modules/smartsection/item.php?d>>.

VICENT, G. Uma história do segredo? In: P. ARIÈS; G. DUBY (Eds.). *História da vida privada: Da primeira Guerra Mundial aos nossos dias*. v. 5. Porto: Círculo de Leitores, 1991.

ZWEIG, Connie; ABRAMS, Jeremiah (Orgs.). *Ao encontro da sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana*. São Paulo: Cultrix, /s.d.